

actuais, essa propaganda não pode impedir a guerra, não só porque ha Estados cuja população está pronta a ajudar os capitalistas a enriquecerem-se com o trabalho de outrem, mas ainda porque muitas vezes creem os trabalhadores encontrar nela o seu proprio interesse.

A ameaça de uma greve geral pode servir durante algum tempo de freio a veleidades de conquista. Mas não pode impedir a guerra, se o agressor, sentindo-se num dado momento, mais forte ou melhor preparado que o seu adversario, rompe as hostilidades. Então qualquer homem de bom senso no país ameaçado de invasão compreenderá que um dia só de greve geral e de demora na mobilização, representaria para o agressor o presente de uma provincia, de cem mil soldados e de milhões de contribuição.

A isto respondiam os seus camaradas: — «Pois é para isso que fazemos a nossa propaganda — para abrir os olhos dos alemães, para que eles se recusem a sustentar os seus capitalistas, quando estes quizeram roubar a França. Não se deve esquecer que na Alemanha ha já tres milhões e meio de socialistas, acrescentavam ingenuamente; e estes socialistas apoiar-nos-hão».

E quando eu lhes provava que isso não aconteceria — não podia acontecer, — diziam-me: «Tanto peor. E' preciso que alguém comece!»

Depois do que, só havia que inclinarmos-nos e dizer. — «Sois muito generosos; continui, mas com esta condição: quando a Alemanha começar, com energia selvagem, a reunir os seus corpos d'exercito — com o apoio dos socialistas alemães — vocês, também, com redobrada energia, e com a consciencia da justiça da nossa causa, tanto mais forte quanto tudo fizeram para impedir a guerra, ajudam a mobilizar todas as nossas forças e bater-se-hão violentemente contra os agressores. E não digam mais esse disparate de que para um trabalhador francês é indifferente estar sob o jugo dum capitalista francês ou dum capitalista alemão, sob a ferula dum prefeito francês ou dum general alemão. Vocês, na França, e viajando pouco pelo estrangeiro, vocês não sabem o que é viver sob o jugo doutra nação.»

Durante estes dois mezes os alemães tudo teem feito para abrir os olhos acerca disto.

Devo dizer que é precisamente o que teem feito a maior parte dos anti-militaristas franceses. Um deles escrevia-me de Paris: — «Tu tinhas razão. Pensava eu que os povos se levantariam para se libertarem; pensava que os tres milhões de socialistas alemães se oporiam á guerra. Não nos resta senão defendermo-nos. Só a resistencia e o ataque derrubarão o mi-

litarismo alemão». Outros escrevem: — «Estou no regimento «tal», uns nas companhias de saude, outros mais novos, nas fileiras. E estes antimilitaristas combatem com o mesmo ardor que os outros para desalojar os alemães das suas fortificações.

Os belgas fizeram o mesmo. Até ao ultimo momento trabalharam pela paz, e quando as hordas alemãs invadiram o seu país, bateram-se como heroes para defender os seus campos e as suas cidades.

Já sabeis, sem duvida, o que levou os alemães a invadir a França e a Belgica. Sabeis como, sem nenhuma razão nem pretexto, invadiram a Belgica, porque lhes seria assim mais fácil conquistar a França que odeiam de morte. Sabeis como eles fazem as suas conquistas, desprezando todas as convenções internacionais e todos os costumes das nações civilizadas.

Já sabeis tudo isto. Dizei então: — Desejais que o successo esteja do lado dos belgas e franceses? Desejais que os brutos conquistadores sejam expulsos da França e da Belgica?

Se sim — de que ha que falar ainda?

Pedro Kropotkine.

## Uma conferencia

O sr. Alfredo Pimenta, dissertando na Liga Naval sobre a guerra europeia e a sua significação filosofica, disse logo de entrada que a Alemanha se devem todos os progressos nas sciencias e nas artes no ultimo seculo. Com uma destas, a atenção do auditorio estava ganha; o poder filosofico do illustre correligionario do sr. Antonio José ia patentear-se em toda a sua grandesa. Assim foi que, depois, citou de Machiavel o preceito de que um chefe de Estado não deve cumprir as suas promessas sempre que lhe seja possivel e declarou que isto é a base do direito; explicou que a guerra quanto mais brutal e mais cruel, tanto mais proveitosa é para os vencedores e para os vencidos, porque gera o odio e é o odio o fermento de toda a actividade, o impulsor de todo o progresso; bufou que se pudesse fazer Portugal senhor da Europa, não hesitaria ainda que tivesse de sacrificar centenas de milhares de vidas; afirmou que só pode ter liberdade de pensar quem tem direito a ela pela sua categoria mental, e que a igualdade na familia trouxe como consequencia prejudicial o divorcio; e despediu-se ejaculando a necessidade da reacção conservadora.

Não consta que no final da dissertação o sr. Pimenta fosse conduzido a Rilhafoles; mas registam as gazetas que ele recebeu muitas palmas, — o que faz mais alto do que supunhamos, o numero de desarranjados da bola.

## A minha carteira

### A proposito de iberismo

«Operarios portugueses, irmãos: «Embora proximos, embora procedentes de iguais tempos e origens, portugueses e espanhóis, passam os seculos sem que diminua o nosso incompreensivel alheamento ...

«... A causa de tão anti-natural separação só podia fundar-se na injustiça: efectivamente, como não ignorais, a origem foi realmente bastarda, anti-social, propria do nepotismo e rapacidade de poderes cesareos.

«Era pelos anos de 1185. O rei Afonso VI estreitava o cerco de Toledo... Terminado o sitio, o rei dá em presente ao seu favorito a soberania do condado de Porto-Gallo, pequeno territorio entre Douro e Minho, pouco antes tomado aos mouros, e eis quebrantado o destino de um grande povo e torcido o seu futuro! Singular coincidência! Foram desaparecendo em Espanha uma a uma todas as divisões feudais, todas as soberanias parciais que tinham por titulo o direito de herança, que em certo sentido era legitimo, e só subsistiu a que em nenhum se apoiava...

«... Foi mister a vontade energica, universalmente respeitada, de Filipe II, para que 866 anos depois da destruição da monarquia visigotica, ficasse outra vez reunida a peninsula sob um sceptro. E para isso, entenda-se bem, não houve que violentar os portugueses: bastou um passeio do duque de Alba e o respeito que aos estrangeiros inspirara a causa iberica. Em vão procuraremos o sitio e a data de um combate para marcar esta mal chamada conquista. Portugal tinha-se ganhado em Pavia, em San Quintino e em Lepanto.»

Onde se lêem, de quem são estas palavras? Encontramo-las num velho documento espanhol: um apelo da Internacional aos trabalhadores de Portugal. Esse documento tem esta data: Barcelona, Dezembro de 1870; e entre as suas assinaturas acha-se a de Farga Pellicer.

### Contra os açambarcadores

De 1792 a 1793, quando a questão das subsistencias, em Paris, estava sem cessar na ordem do dia, começou a formar-se uma especie de partido social que, pretendendo pôr no primeiro plano os problemas economicos, queria denunciar e combater a fundo o açambarcamento sob todas as suas formas. Originam-se na propaganda de um dos chefes desse partido — Jacques Roux, os acontecimentos da capital francesa no fim de fevereiro de 1793, em que sobressai o assalto do povo ás lojas, obrigando os comerciantes a vender pelos preços que os compradores fixavam.

### A fechar

Palavras de A. de Ambris:

«Na Italia só uma coisa pode ser aceita: a Republica com o seu correlativo — a Comuna. Para acompanharmos a alma do nosso povo e as suas tradições, nós devemos ser

republicanos-federalistas-comunalistas. Na autonomia e na liberdade encontraremos o meio em que poderão reviver — adaptadas ás exigencias do seculo 20.º — as gloriosas instituições da comuna do seculo 11.º, quando a base da vida cidadina eram as corporações das artes maiores e menores.»

Um mágico.

## Pela paz

Dando a sua adesão ao Congresso internacional promovido pelo Ateneu Sindicalista de Ferrol e que ha de celebrar-se em Ferrol nos dias 30 de Abril e 1 e 2 de Maio proximo, como aqui noticiámos, escreve a *Accion Libertaria*, de Gijón:

De varios companheiros e entidades teemos recebido trabalhos em que se expõem iniciativas tendentes a realizar uma acção comum que ponha termo á guerra europeia.

Os autores desses trabalhos, fazendo-se eco do sentir quasi unanime dos elementos revolucionarios do mundo, advogam que todos os que são contra a guerra se ponham de acordo para exercerem contra esta uma opposição simultanea e energica. Para todos eles, e também para nós, são inuteis os artigos que se escrevem condenando a barbarie desenvolvida nas nações que se chama civilizadas, assim como os *meetings* que a favor da paz se realizam em pontos diversos. Para acabar com a conflagração europeia, dizem todos — necessita se empregar meios diferentes dos até agora usados.

Que meios são estes? Cada qual, naturalmente, propõe os que julga mais exequiveis. Mas acontece que a maior parte deles, a nosso ver, ou são de difficilissima realisacão, ou lhes falta o sentido realista da situação. Para nós, o mais congruente com o fim que se tem em vista é o que indicam os companheiros do Ateneu Sindicalista de Ferrol na circular que publicaram para divulgar a sua iniciativa.

Eis como se exprimem esses companheiros:

«As nações beligerantes não poderão continuar com a guerra sem o concurso das nações neutrais. Basta o boicote de todas as mercadorias que se exportam para as nações em guerra, para esta não poder prolongar-se por muito tempo, apesar de serem riquissimas essas nações. Estas riquezas depressa se exgotarão: as terras abandonadas, umas por falta de braços, outras devastadas pelos exercitos em campanha, nada produzirão, e a menos que não tenham o auxilio das nações neutrais, a fome virá a assenhorear-se das ditas nações. Sabido é também que elas precisam de certos minerais e metais para o fabrico de armas e munições, e que os recebem das nações neutrais. E se tudo isto é certo, unido ao boicote um movimento revolucionario em toda a Europa e America, pode dizer-se afirmativamente que faremos entrar na razão os governos da burguesia.»

Os camaradas da *Accion* julgam isto exequivel? e exequivel para breve? e conducente ao fim em vista? Se nos fosse permitido solicitar-lhes alguma coisa, pedir-lhes-iamos que nos explicassem porquê.

A tolerancia é uma virtude difficil; o nosso primeiro impulso, e mesmo o segundo, é odiar quem não pensa como nós.

J. Lemaitre.